



MR 018. Família, violência e cuidado: etnografias a partir do cotidiano

Coordenador(es):

Regina Facchini (Pagu/Unicamp)

Participantes:

Anna Paula Vencato (UFMG)

Camila Pierobon Moreira Robottom (CEBRAP)

María Elvira Díaz Benítez (PPGAS/Museu Nacional)

Esta mesa reúne etnografias que articulam temas que estão significativamente presentes desde os momentos iniciais dos estudos de gênero na Antropologia brasileira: família e violência. Nas últimas quatro décadas acompanhamos investimentos feministas na diversidade de relações atravessadas pela noção de família e na sua desnaturalização, bem como no questionamento da oposição entre público e privado. Tais investimentos conduziram à interface com processos relacionados a violência entre casais e gerações na família, ao reconhecimento de direitos, a novos saberes e tecnologias, entre outros. Merecem destaque as conexões com o tema da violência e a contribuição da perspectiva feminista ao problematizar as relações entre espaço doméstico, família, afeto e violência: a recusa da família como lugar naturalizado do cuidado e do afeto permitiu explorar dinâmicas da violência em contextos familiares. A noção de família tem sido intensamente disputada na sociedade brasileira, em um contexto em que também se disputa direitos e a própria noção de direitos. Retomamos articulações entre família, violência e cuidado a partir de investimentos etnográficos que se concentram no cotidiano e que apontam para o modo como cuidado e violência se inserem no cotidiano de relações familiares em diferentes contextos empíricos e como tais articulações atravessam gerações, produzindo corpos, precariedades e interferindo no trabalho do cuidado.

?Pequenas brigas de casal? ou sobre uma fase íntima da humilhação

Autoria: María Elvira Díaz Benítez (PPGAS/Museu Nacional)

Este texto integra uma reflexão que venho realizando sobre a “humilhação”, entendida por diversos pensadores como atos de rebaixamento e inferiorização. Aqui pretendo analisar “pequenas brigas de casal”: situações de “bate boca” ou de troca de enunciados curtos que se denotam conflito, são rapidamente “resolvidos” e não pensados como violência. Se é entendido que a humilhação opera em um sentido vertical, denotando a criação de hierarquias, minha percepção é que as pequenas brigas de casal se dão em um movimento de negociação de horizontalidade e equilíbrio. Essas pequenas brigas do dia a dia dispõem uma série de dispositivos de humilhação que recebem diferentes nomes pelos sujeitos: vexame, vergonha, constrangimento, exposição, ridículo, magoa, ironia, obedecendo regras internas para evitar a extrapolação e tecendo diversos acordos de cuidado mútuo para garantir a permanência do casal.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: